

PROJETO EDITORIAL PARA REVISTA COMPETÊNCIA DO SENAC-RS

PUBLISHING PROJECT FOR REVISTA COMPETÊNCIA FROM SENAC-RS

Jaire Ederson Passos*

Paula Caroline Schifino Jardim Passos**

* Doutorando no Programa de Pós-graduação em Design da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
✉ jairepassos@gmail.com

** Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
✉ paulacarolinejardim@gmail.com

R e s u m o

As revistas científicas constituem-se em veículos importantes para a disseminação do conhecimento. É por meio delas que pesquisadores divulgam os resultados de suas pesquisas, sendo reconhecidos, lidos e avaliados pela comunidade científica. Um fator de grande influência para a divulgação e para a visibilidade das pesquisas é o design gráfico desses periódicos. Esse precisa ser adequado ao conteúdo apresentado, à mídia utilizada e ao público definido. Este artigo apresenta o projeto editorial realizado para a Revista Competência Senac-RS. Responsáveis pelo projeto editorial dessa revista desde sua primeira edição, em 2008, os autores deste estudo relatam como a pesquisa bibliográfica realizada orientou as decisões de projeto e permitiu a definição de um produto editorial apropriado para um periódico científico impresso.

P a l a v r a s - c h a v e : Design Gráfico. Projeto Editorial. Revista Científica.

A b s t r a c t

Scientific journals are important vehicles for knowledge dissemination. It is through them that researchers report the results of their researches, being recognized, read and evaluated by the scientific community. Great influence factor for the dissemination and visibility of the researches is the graphic design of these journals. Such design needs to be appropriate to the content presented, the media used and the

defined audience. This article presents a publishing project that has been made for Revista Competência Senac-RS. Responsible for the publishing project of this magazine since its first edition in 2008, the authors of this study report how bibliographic research guided the design decisions and made possible the definition of an editorial product appropriate for a printed scientific journal.

Keywords: Graphic Design. Publishing Project. Scientific Journal.

1 Introdução

Este artigo relata a pesquisa teórica e o desenvolvimento de projeto editorial para a Competência – Revista da Educação Superior do Senac-RS. Os autores deste trabalho são responsáveis pelo projeto editorial dessa revista desde sua primeira edição, em 2008. Para o desenvolvimento do projeto, realizaram inicialmente uma revisão de literatura da área do design, que embasou o trabalho. O estudo apresenta detalhadamente como a fundamentação teórica orientou cada decisão durante a execução do projeto editorial.

Noble (2013, p. 9) define design como “projetar algo para uma função, propósito ou efeito específico.” Entende-se, nesse sentido, que um projeto editorial deve considerar tanto o conteúdo apresentado, como o suporte utilizado e os prováveis leitores. Neste caso, o projeto editorial destinou-se a um conteúdo científico, para mídia impressa e voltada ao público acadêmico. Objetivou-se que a apresentação visual, cuidadosamente preparada, refletisse a excelência da produção acadêmica da instituição.

As próximas seções deste artigo consistem em uma breve pesquisa relativa à apresentação da informação em revistas científicas, seguida do relato do caso específico da Revista Competência. Ressalta-se, neste estudo, a importância do projeto gráfico para a visibilidade do texto científico e para a divulgação dos resultados de pesquisa, bem como para a busca e para a recuperação da informação por parte dos pesquisadores.

2 A apresentação da informação nas revistas científicas

Meadows (1999), célebre autor da área da Ciência da Informação, observa que a forma como as revistas apresentam a informação evoluiu muito nos últimos

séculos. Em sua visão, essas mudanças devem-se tanto às transformações tecnológicas quanto às exigências da comunidade científica, e tudo isso é retratado nas atuais revistas. Ele considera que, mesmo que a estrutura dos artigos pareça óbvia (com títulos, identificação, resumo, referências etc), muitas alterações têm sido feitas ao longo dos anos, e essas modificações refletem mudanças também na comunidade científica e na maneira como ela se comunica.

O autor afirma que as mudanças pelas quais os elementos dos artigos têm passado estão relacionadas ao aumento da comunidade científica e a sua complexidade. Consequentemente, há a necessidade de melhorar a eficiência de suas atividades de comunicação. Assim, por exemplo, as referências trabalham como vínculo entre artigos novos e antigos. A normalização das referências representa a tentativa de manter vínculos eficientes em um universo de conhecimento em expansão. O mesmo pode ser dito quanto aos títulos e resumos. As modificações que têm sido realizadas objetivam melhorar as chances dos pesquisadores de recuperarem rapidamente os artigos relevantes para suas pesquisas. Ele entende essas modificações como respostas à necessidade de manter o fluxo de informações, quando o volume de comunicação cresce constantemente.

Quanto à apresentação gráfica das revistas, Meadows (1999) pergunta: como empregar um determinado canal de modo a transmitir informações visualmente, com o máximo de impacto, entre um cientista e os demais? Para responder essa questão ele afirma que o fundamental seja descobrir como as pessoas leem o texto científico. A leitura, nesse contexto, inclui o exame de tabelas, gráficos e imagens.

Quanto aos textos, ele afirma que o mais comum é que os olhos dos leitores percorram as linhas com uma série de saltos. O leitor age assim porque procura extrair o sentido do texto, mas também porque, muitas vezes, tem um motivo específico para ler, e esse motivo o guia. O autor lembra que uma estrutura adequada é fundamental para esse fim. Nesse sentido, o projeto editorial é de fundamental importância, pois influenciam para boa leitura aspectos gráficos como o espaço entre linhas, o tamanho da fonte escolhida e as diferenças de contraste na página.

Haslam (2007) declara que, por meio de técnicas de composição e de planejamento gráfico, definem-se o posicionamento de todos os elementos e o estilo do leiaute de uma publicação. Dessa forma, o design organiza imagens e textos, espaços horizontais e verticais, define a tipografia, bem como a articulação dos parágrafos, de forma a permitir que o leitor sintase seguro na utilização do produto editorial.

A principal responsabilidade do design editorial, segundo Hendel (2003), é a criação de uma plataforma que transmita, realce e clarifique a informação para o leitor. Para Radfahrer (2000), ao projetar uma publicação, é importante levar em conta o conteúdo publicado. Ele afirma que esses dados – estímulos isolados ou fatos independentes – ao tornarem-se relevantes, transformam-se em informação, que articulada com a experiência pessoal, passa a fazer parte dela, gerando conhecimento. Sendo assim, o projeto gráfico editorial torna-se fundamental, pois é por meio dele que uma publicação pode apresentar dados organizadamente e contribuir para a disseminação da informação e para a construção do conhecimento.

3 Projeto gráfico da Revista Competência

Este item relata como foi executado o projeto editorial da Revista Competência do Senac-RS e apresenta os referenciais teóricos que embasaram as decisões de projeto. Os subitens desenvolvidos tratam da definição de formato e das medidas para a publicação, construção de malhas estrutural, filosófica e diagramacional, escolha da paleta tipográfica e hierarquização tipográfica.

a) Definição do formato

Haslam (2007) lembra que, na indústria editorial, o termo “formato” é algumas vezes usado erroneamente, fazendo referência a um determinado tamanho. O formato, no entanto, não está relacionado a medidas, mas à proporção, sendo determinado pela relação entre a altura e a largura da página. Samara (2011) ressalta o papel do formato na experiência do leitor. Ele afirma que o tamanho e os contornos de uma publicação são o pano de fundo para o conteúdo e influenciam nas sensações proporcionadas pelo texto ao leitor.

Para Tschichold (2007), o formato do produto editorial é determinado por sua finalidade. Assim, aspectos relacionados à utilização do produto editorial devem ser investigados e ponderados antes da definição do formato, como por exemplo: revistas muito grandes são difíceis de manusear; por outro lado, revistas muito pequenas dificultam a leitura de textos longos.

Com base em bibliografia, foram apontados alguns critérios que orientaram o processo decisório para definição do formato. O primeiro deles é quanto ao conteúdo da publicação. Para publicação de textos científicos, julgou-se mais indicada a orientação verticalizada. Esse formato foi escolhido por ter forte ligação

com a experiência anterior dos leitores em geral. Isso porque as pessoas normalmente são alfabetizadas com materiais didáticos predominantemente verticalizados. Conseqüentemente, este é também o formato mais comum em publicações.

O segundo critério estabelecido refere-se à usabilidade da revista. Tschichold (2007) recomenda que, para o estabelecimento do formato de uma publicação, uma boa referência seria o tamanho médio da mão de um adulto. Considerando essa medida, deve-se lembrar que um livro impresso no formato horizontal torna-se difícil de ser manuseado e acaba por requerer o apoio em uma mesa, por exemplo. Já o formato vertical evita o problema de manuseabilidade e permite que a publicação seja utilizada com maior facilidade, principalmente quando o leitor necessitar empunhar a revista. A Figura 1 ilustra o manuseio de publicações nos formatos paisagem, retrato e quadrado e destaca o formato escolhido neste projeto.

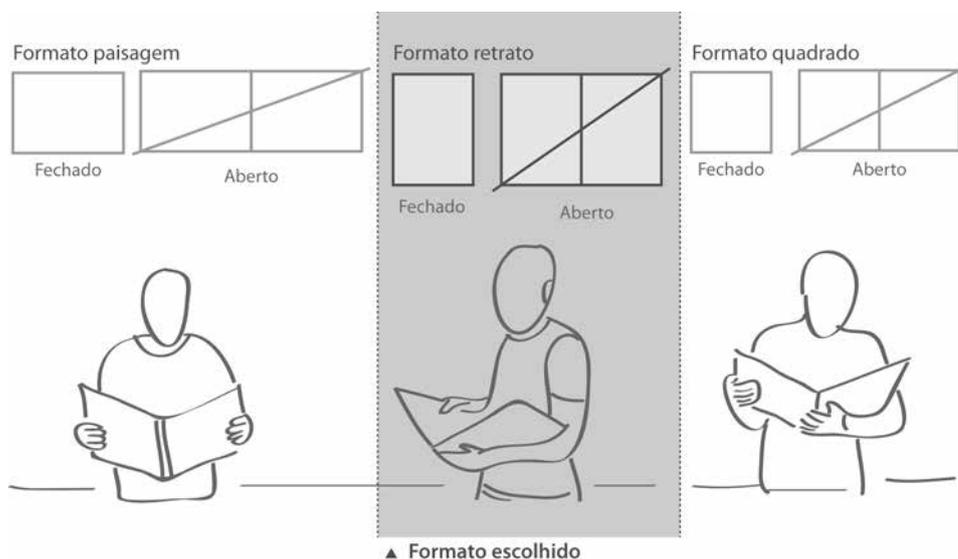


Figura 1: Tipos de formato e usabilidade relacionada

Fonte: Elaborado pelos autores

O último critério adotado para definição do formato da revista projetada refere-se ao processo de armazenagem. Esse mesmo critério contribuiu para a definição das dimensões da publicação, uma vez que é preciso também considerar o tamanho médio dos móveis onde as revistas usualmente são alocadas. A produção de estantes normalmente considera as dimensões mais comuns de revistas e livros. Assim, conforme Tschichold (2007), tornam-se incômodos os livros produzidos

com largura superior a 240 milímetros. A Revista Competência foi definida, portanto, em formato retrato e com dimensões de 210 x 280 milímetros. Essas dimensões já são consolidadas no mercado editorial de revistas e apresentam um bom aproveitamento de papel.

b) Definição das grades

O uso da grade, segundo Haslam (2007), proporciona consistência à publicação, permitindo que o leitor concentre-se no conteúdo. Lidwell (2010) explica que a consistência permite que o leitor aproveite o conhecimento sobre como o design funciona em uma página, para a leitura das demais partes da publicação, o que promove a usabilidade e facilita a aprendizagem. Segundo ele, um design é consistente quando as partes similares do leiaute são expressas de modo semelhante.

De acordo com Samara (2011), o uso da grade contribui para a clareza, a eficiência, a economia e a continuidade em uma publicação. Mas, acima de tudo, a grade introduz uma organização sistemática ao leiaute, possibilitando diferenciar os tipos de informação e, principalmente, facilitando a navegação ao longo do produto editorial.

Samara (2007) esclarece que as grades têm sempre as mesmas partes básicas, que podem ser combinadas ou omitidas da estrutura geral conforme a necessidade do design, sendo elas: a) margens – espaços negativos entre o limite do formato e o conteúdo que cercam e definem a área viva, ajudam a estabelecer a tensão na composição, podem orientar o foco, repousar os olhos ou servir para área de informações secundárias; b) guias horizontais – alinhamentos que quebram o espaço, ajudam a orientar os olhos no formato e podem ser usadas para ponto de partida ou pausas para texto e imagens; c) colunas – alinhamentos verticais que criam divisões horizontais; d) módulos – unidades individuais de espaços separados por intervalos regulares, repetidas formam colunas e faixas; e) zonas espaciais – grupos de módulos distintos para uma função específica; f) marcadores – indicadores de localização como cabeçalhos, nomes de seções, fólios ou outros elementos que sejam constantes nas páginas. A Figura 02 apresenta os elementos da grade.

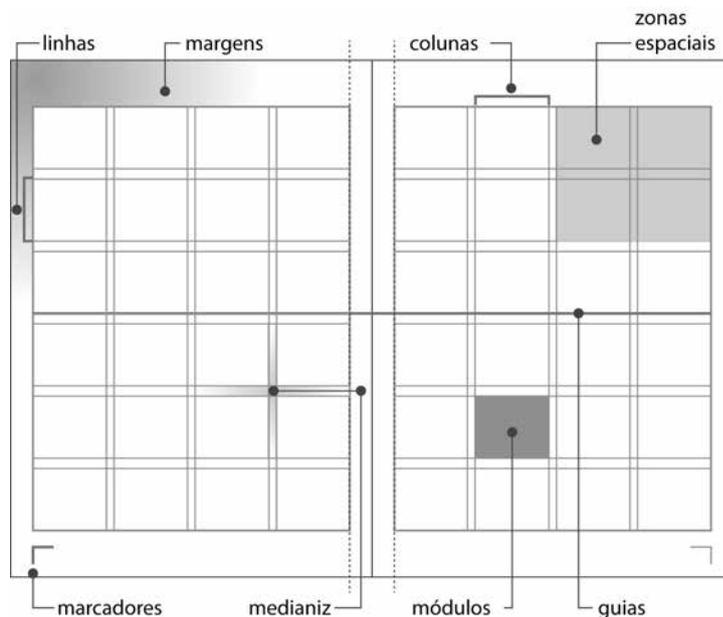


Figura 2: Elementos da grade

Fonte: Elaborado pelos autores

Medeiros e Gomes (2005a) definem três tipos de grade, com funções distintas. São elas: grade estrutural – estabelece limites matemáticos da área de trabalho gráfico; grade filosófica – delimita as proporções da página; e grade diagramacional – configura as relações de composição dos elementos da informação. Essas grades serão a seguir descritas para esse projeto.

Os autores orientam que o desenvolvimento de uma malha estrutural se configura na primeira etapa do desenho de projeto. O projeto da grade que define os limites matemáticos (estrutural) para a Revista Competência foi desenvolvido com base no cálculo do máximo divisor comum (MDC). Para isso, é necessário decompor os números em fatores primos, tomar fatores comuns com o menor expoente e, por fim, multiplicar esses fatores entre si (MEDEIROS, GOMES, 2005b).

Para chegar-se a um módulo mínimo da malha estrutural da Revista Competência, partiu-se das dimensões estabelecidas, de 210 x 280 milímetros (como foi dito no item anterior). Empregando o cálculo de MDC, chegou-se a um módulo mínimo de 7 milímetros. Este módulo serviu para determinar as margens iniciais da página (Figura 3).

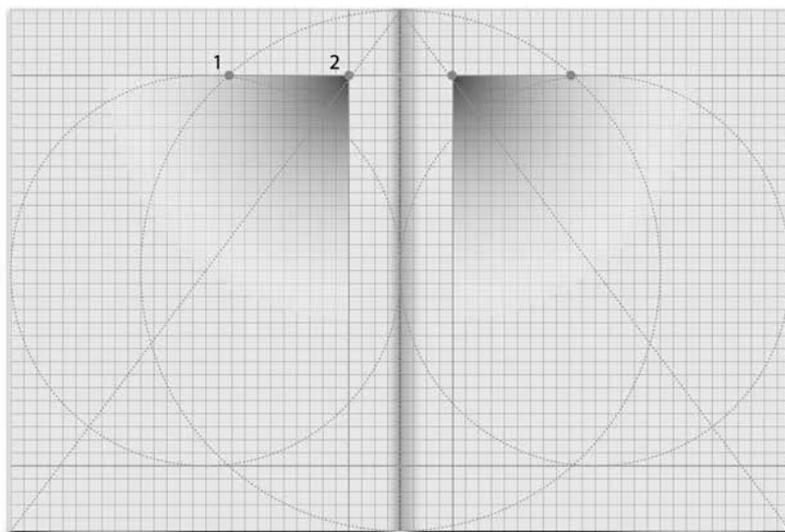


Figura 3: Grade desenvolvida para a Revista Competência

Fonte: Elaborado pelos autores

Samara (2011, p. 69) enfatiza que as margens de uma publicação devem ser cuidadosamente planejadas, pois “contribuem para estabelecer a tensão global no interior da composição”. No projeto editorial, as margens podem ser usadas para proporcionar uma pega sem interferência no texto, para focalizar a atenção do leitor emoldurando o conteúdo, ou mesmo para lugar de descanso para os olhos. Outra possibilidade de uso seria como área para anotações do leitor ou para hiperlinkar o texto auxiliar (notas). Quando usado para tal finalidade, Brockmann (1982) chama este espaço de *marginálias*.

As margens superior e inferior foram definidas com base em uma malha filosfal, projetada utilizando como referência dois círculos, um com a largura da página fechada e outro com a altura da página aberta. O ponto de intersecção das linhas resultou no limite para a definição destas (Figura 3).

A medianiz ou (margem interna) foi definida com base no tipo de encadernação brochura. Bann (2012) lembra que a grande maioria das revistas utiliza a encadernação brochura, em que os cadernos dobrados e alceados são fixados na lombada com o uso de adesivo PVA (acetato de polivinila) ou adesivo termossoldável (cola quente). Este tipo de encadernação dificulta a leitura na área próxima à medianiz e para o seu uso sem prejuízo se faz necessário um pequeno deslocamento.

Uma vez definidas as margens superior, inferior e interna, buscou-se a definição da margem externa e, com isso, a definição da área oposta às margens, o que Haslam (2007) chama de mancha gráfica. Ribeiro (2003, p. 375) define mancha gráfica como sendo o “espaço a ser utilizado pela composição”. A mancha gráfica definida para a Revista Competência aproxima-se da proporção áurea¹, como se pode observar na Figura 4.

¹ “A proporção áurea é igual ao produto da divisão de dois segmentos, de forma que o menor (bc) esteja para o maior (ab) tanto quanto o maior (ab) está para a soma dos dois segmentos (ac), ou $bc/ab = ab/ac = 0,618$ ” (LIDWELL, 2010).

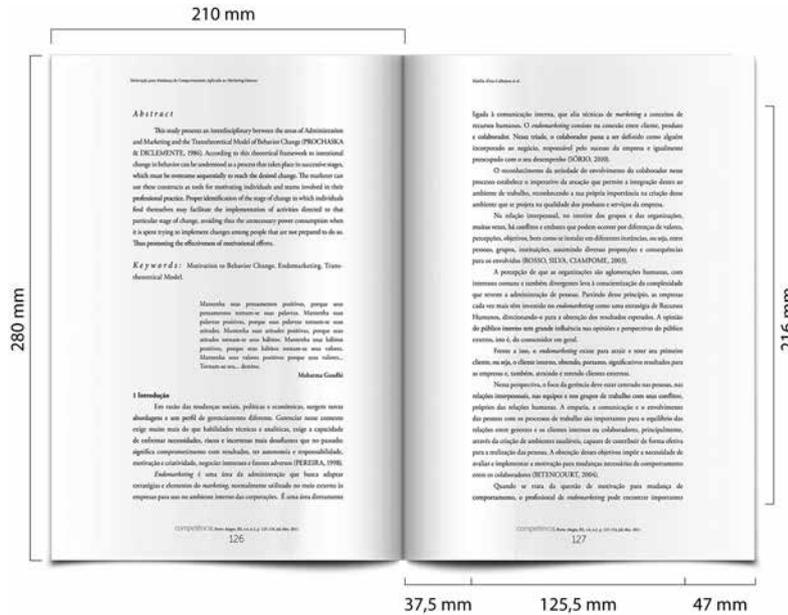


Figura 4: Mancha áurea proposta para a Revista Competência

Fonte: Elaborado pelos autores

Bringhurst (2011) afirma que uma mancha gráfica, quando definida em seção áurea, ou em uma aproximação dessa proporção, gera energia e harmonia em uma página. No livro “Geometria do Design” a autora Kimberly Elam (2010) afirma que tal proporção é uma preferência cognitiva dos seres humanos. Ela apresenta o resultado de duas pesquisas (Figura 5), uma feita pelo psicólogo alemão Gustav Fechner, no final do século XIX, e a outra feita pelo francês Charles Lalo, em 1908. Ambas pesquisas obtiveram resultados notavelmente similares ao pesquisarem como as pessoas reagem às qualidades estéticas do retângulo áureo.

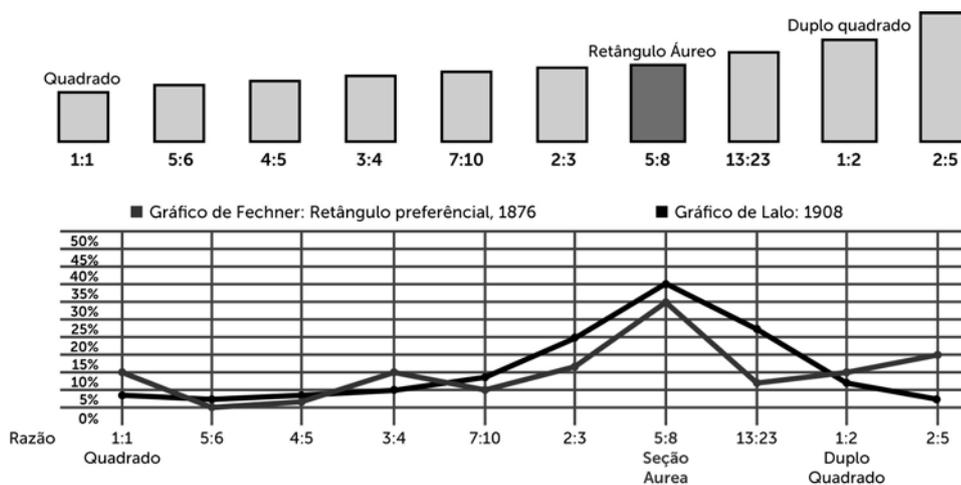


Figura 05: Comparativo das preferências por retângulos

Fonte: Elam (2010, p. 7)

A mancha é ainda o ponto de partida para a definição da grade diagramacional. Neste projeto, utilizou-se o conceito modernista (HASLAM, 2007), no qual a disposição dos elementos de texto e imagem é definida de forma racional e matemática, tendo como unidade de medida o ponto tipográfico (Figura 6). Para isso, fez-se necessário tomar decisões sobre a tipografia, o tamanho do tipo e o entrelinhamento – distância da linha de base de uma linha tipográfica para outra.



Figura 6: Grade diagramacional modernista de duas colunas irregulares

Fonte: Elaborado pelos autores

Haslam (2007) destaca o fato de que em colunas muito profundas – com um número muito grande de linhas – os leitores tendem a ser seletivos na leitura, pulando partes do texto e buscando pontos de referência para ancorarem. Essa atitude provocada pelo projeto da página empobrece a experiência do leitor. “Adicionar entrelinhamento”, segundo Haslam (2007), “ajuda a tornar a experiência de leitura mais agradável”. Para este projeto, determinou-se que teríamos um total de 35 (trinta e cinco) linhas de base na mancha gráfica. Dividindo o tamanho da mancha gráfica projetada (216 milímetros) pelo número de linhas de base (35) chegou-se a um entrelinhamento aproximado de 17,5 pontos tipográficos².

² A medida do ponto tipográfico é de 0,352 milímetros.

Samara (2011) afirma que a distância entre as linhas não deve mostrar diferenças pronunciadas, da mesma forma que não pode ser tão pequena que impeça o leitor de localizar o início da linha após um retorno. Depois de definido o entrelinhamento em 17,5 pontos, determinou-se que para uma separação entre linhas adequada à leitura prolongada, o tamanho tipográfico do corpo de texto deveria ser de no máximo 11,5 pontos.

c) Paleta tipográfica

Ao criar-se o design de uma publicação, um dos maiores focos, segundo Samara (2011), é a tipografia. Questões como legibilidade, hierarquia e clareza devem ser prioridades do projetista em um nível essencialmente funcional. Considerando-se a revista projetada, é importante ressaltar que a leitura de textos longos requer um grande esforço por parte do leitor. Neste caso, o projeto editorial precisou ater-se aos detalhes do texto – tamanho, espaçamento e largura dos parágrafos – de maneira a facilitar o processo de leitura e tornar a ação de ler o mais proveitosa possível.

Bringhurst (2011) enuncia que o tom, o ritmo, a estrutura lógica e o tamanho físico do texto determinam as possibilidades de escolha tipográfica. Samara (2011) incrementa a isso o fato de que, independentemente do tipo ou da maturidade do leitor, podem ser processados antes de um retorno de linha entre 50 e 80 caracteres (incluindo espaços). Solomon (2002) afirma que, semelhante a um computador, possuímos memória de curto prazo (MCP) responsável por reter as informações que processamos. Quando Samara (2011) determina uma quantidade de caracteres por linha, podemos estabelecer uma relação direta com a quantidade de informações que podemos processar de forma eficiente. Ele afirma que, no projeto editorial, isso corresponde a aproximadamente 8 a 12 palavras por linha.

Sendo a Competência uma revista científica, as famílias tipográficas escolhidas precisam retratar a seriedade dos assuntos tratados. Assim, optou-se por fontes clássicas, já consolidadas no design editorial, sendo elas: Garamond, Times, Baskerville e Adobe Garamond Pro. A Garamond, uma das fontes serifadas mais populares no mundo, foi desenhada originalmente por Claude Garamond, em 1530, e apresenta formas imponentes da alta Renascença, com eixo humanista e contraste moderado. A fonte Baskerville leva o nome de seu autor e representa o racionalismo tipográfico do século 18. Segundo Brighurst (2011), ela proporciona um fluxo homogêneo ao texto. Já a fonte Times, desenhada por Stanley Morrison, assegura uma boa legibilidade mesmo quando impressa em papel de baixa qualidade.

A Adobe Garamond Pro tem desenho baseado na popular Garamond e apresenta uma extensa família tipográfica, o que facilita o estabelecimento da hierarquia das informações no projeto da revista. Essa fonte, assim com a Times, permite uma ótima legibilidade, mesmo impressa em pequenos tamanhos (BRINGHURST, 2011). Isso porque ela conta com desenho de hastes e junções espessos, como é possível observar comparando-a à Garamond e à Baskerville (Figura 7).

Comparação da altura de X



Figura 7: Comparação da altura de X

Fonte: Elaborado pelos autores

A fonte Adobe Garamond Pro foi escolhida ainda por apresentar um ótimo rendimento (Figura 8) para o tamanho de mancha definido para o projeto. Ela também apresenta junções elegantes (Figura 9), bom contraste e boa altura de X³ (Figura 7), de modo a produzir uma mancha clara e com boa legibilidade, adequada ao tipo de publicação.

³ A altura de X consiste na altura das letras minúsculas em comparação com as maiúsculas da mesma fonte. (HASLAM, 2007)

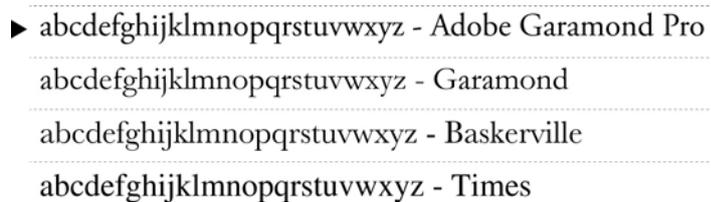


Figura 8: Comparação do formato do tipo, das junções, do contraste

Fonte: Elaborado pelos autores

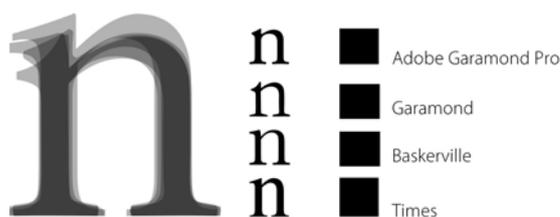


Figura 9: Comparação do formato do tipo, das junções e contraste e rendimento

Fonte: os autores

d) Hierarquia tipográfica

Para se tomar decisões referentes ao tamanho do tipo é preciso conhecer as características do público leitor, o conteúdo, a ideia conceitual para o projeto e o formato do produto editorial. Haslam (2007) salienta que “é importante que o leitor se sinta seguro em qualquer que seja o sistema de disposição usado, uma vez que esse arranjo é o que permite que ele avance suavemente na leitura do texto”.

A grande maioria das páginas de um projeto editorial apresenta mais de um tamanho de tipo. Haslam (2007, p. 88) destaca que “a seleção desses tamanhos adicionais combinados à grade, aos tipos de letras e aos pesos determina a hierarquia tipográfica”. Segundo o autor,

Ao estabelecer os tamanhos do tipo para elementos como títulos, textos explicativos, notas de rodapé, legendas e numeração das páginas em relação ao bloco de texto principal, o designer pode avaliar a relativa importância visual dos elementos. Os títulos são convencionalmente maiores e frequentemente mais pesados que o bloco principal do texto, mas títulos menores podem ser usados para se construir uma hierarquia por meio do uso do espaço, posição, peso e cor. (HASLAN, 2007, p. 88)

Haslam (2007) apresenta possibilidades para o estabelecimento da hierarquia tipográfica, entre as quais é possível citar: a cor, o contraste – um título mais escuro que o bloco de texto, que, por sua vez, pode aparecer levemente mais escuro que as legendas explicativas – e, como última possibilidade, a utilização de escalas modulares. Para a revista projetada optou-se por uma hierarquia baseada na importância visual dos elementos, sendo os títulos maiores e com maior peso que os subtítulos, e assim sucessivamente até as menores unidades, que são as notas (Figura, 10).

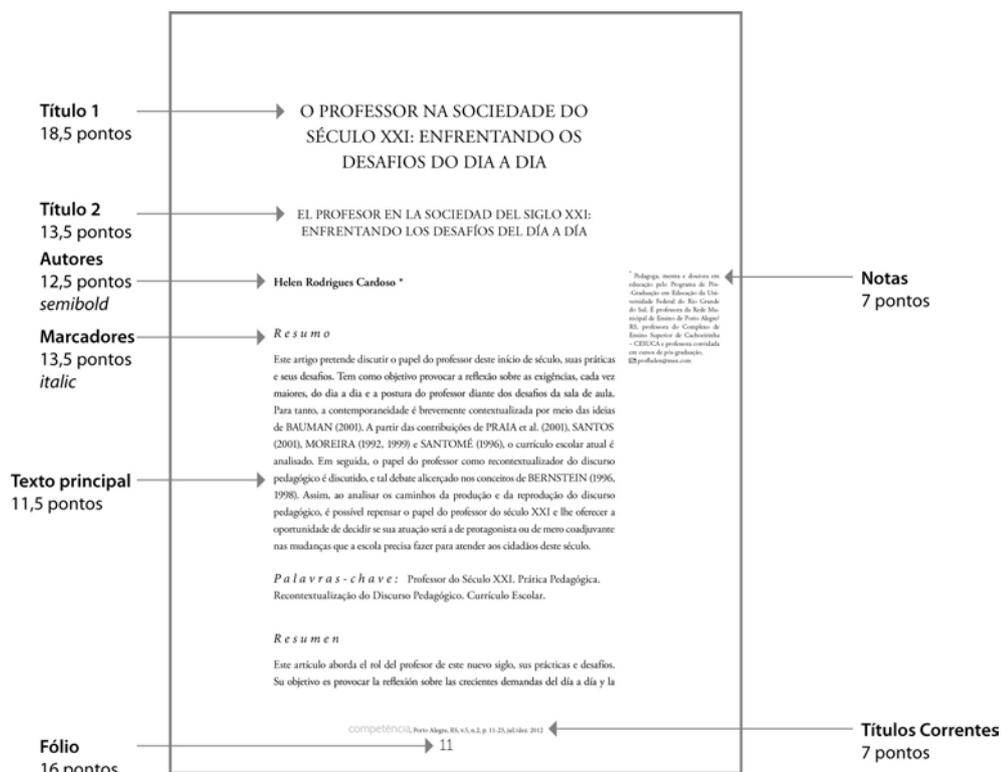


Figura 10: Hierarquia tipográfica da Revista Competência

Fonte: Elaborado pelos autores

Considerações finais

Por meio deste estudo, demonstra-se a aplicação de princípios do design gráfico ao planejamento visual de revistas científicas. Objetivou-se, ainda, relacionar considerações clássicas relativas à comunicação científica a conceitos recentes sobre projeto gráfico de páginas impressas com intuito de formar referencial para este estudo e para próximas pesquisas.

Como validação do projeto apresentado, tem-se as nove edições já publicadas da Revista Competência do Senac-RS. Atestam também a validade da presente pesquisa os conceitos obtidos pela Revista Competência, mediante avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), de Qualis B4 para as áreas de Educação e Interdisciplinar, e B5 para Administração, Ciências Contábeis, Turismo e Arquitetura e Urbanismo.

Considera-se necessário que ainda se amplie a discussão a respeito da devida apropriação dos recursos gráficos ao projeto editorial de revistas científicas. É utilizando os elementos da página que escritores podem expressar-se e leitores têm acesso às informações que buscam. Samara (2007) afirma que o design gráfico dos elementos de uma página é responsável pela inclusão digital, permitindo o acesso das pessoas à informação. Buscou-se, mediante este estudo, contribuir para a qualificação das revistas científicas, promovendo-se a divulgação das pesquisas e trabalhando-se, assim, para o progresso da ciência.

Referências

- BANN, David. *Novo manual de produção gráfica*. ed. rev. e atual. Porto Alegre: Bookman, 2012.
- BRINGHURST, R. *Elementos do estilo tipográfico*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- BROCKMANN, J. M. *Sistemas de grelhas: um manual para designers gráficos*. São Paulo: Editora G. Gilli, 1982.
- ELAM, K. *Geometria do design: estudos sobre proporção e composição*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- GARRETT, J. J. *The elements of user experience: user centered design for the web*. New York/Berkeley: Aiga/New Riders, 2003.
- HASLAM, A. *O livro e o designer II: como criar e produzir livros*. São Paulo: Edições Rosari, 2007.
- HENDEL, R. *O design do livro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- LIDWELL, W. *Princípios universais do design*. Porto Alegre: Bookman, 2010.
- MEADOWS, Arthur Jack. *A comunicação científica*. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.
- MEDEIROS, L. M. S.; GOMES, Luiz A. V. N. Ordem e arranjo em desenhos industriais: malhas e grelhas, revisão e retomada. In: VI Congresso Internacional de Engenharia Gráfica nas Artes e no Desenho e XVII Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico, 2005, Recife. VI Congresso Internacional de Engenharia Gráfica nas Artes e no Desenho e XVII Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico, 2005a.
- MEDEIROS, L. M. S.; GOMES, Luiz A. V. N. Retículas, grelhas e malhas: noções fundamentais e aplicações. In: VI Congresso Internacional de Engenharia Gráfica nas Artes e no Desenho e XVII Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico, 2005, Recife. VI Congresso Internacional de Engenharia Gráfica nas Artes e no Desenho e XVII Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico, 2005b.
- NOBLE, Y. *Pesquisa visual: introdução às metodologias de pesquisa em design gráfico*. Porto Alegre: Bookman, 2013.
- RADFAHRER, Luli. *Design web design 2*. São Paulo: Market Press, 2000.
- RIBEIRO, M. *Planejamento gráfico visual*. Brasília: LGE Editora, 2003.

SAMARA, T. *Grid: construção e desconstrução*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

SAMARA, T. *Guia de design editorial: manual prático para o design de publicações*. Porto Alegre: Bookman, 2011.

SOLOMON, M. R. *Comportamento do consumidor: comprando possuindo e sendo*. Porto Alegre: Bookman, 2002.

TSCHICHOLD, J. *A forma do livro: ensaios sobre tipografia e estética do livro*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.